

A IMPORTÂNCIA DA COMUNICAÇÃO AUMENTATIVA ALTERNATIVA-CAA NO CONTEXTO ESCOLAR: A PRANCHA DE COMUNICAÇÃO COMO RECURSO NA/ DA ESCOLA

Ana Paula Vieira Camargo ¹

Lilia C. Amorim de Souza ²

Maria Margarida Barbosa de Sá Santos ³

Molise de Bem Magnabosco ⁴

RESUMO

Este artigo apresenta uma reflexão acerca da prática de extensão realizada por acadêmicas do curso de Segunda Licenciatura em Educação Especial e Inclusiva da Universidade Federal de Rondonópolis (UFR), no âmbito do Programa Nacional de Formação de Professores da Educação Básica (PARFOR), que teve como objetivos apresentar aos professores o conceito de Comunicação Aumentativa e Alternativa (CAA), divulgar a prancha de comunicação como recurso acessível e esclarecer dúvidas sobre sua aplicabilidade no contexto escolar. A prática foi desenvolvida numa escola da Rede Municipal localizada em Rondonópolis (MT), em maio de 2025, durante a Hora do Trabalho Pedagógico Coletivo (HTPC). A intervenção foi estruturada em três momentos: uma exposição dialogada com fundamentação teórica, roda de conversa com os participantes e uma oficina prática. Sendo este um estudo de cunho qualitativo, desenvolvido na perspectiva da Educação Inclusiva e da Tecnologia Assistiva, alinhada aos princípios de acessibilidade comunicacional e equidade no ensino. O estudo tem como arcabouço teórico Mantoan (2002); Mantoan e Lanuti (2022); Piccolo (2003); Sartoretto (2010); Vygotsky (1991), os quais ajudam a entender as novas perspectivas em torno da Educação Inclusiva, refletir e transformar sobre concepção social de deficiência, da importância de recursos pedagógicos como CAA e perceber o sujeito em seu desenvolvimento social e nas interações cotidianas. A experiência evidenciou a importância da formação continuada e da sensibilização da comunidade escolar quanto à superação de barreiras comunicacionais, reafirmando o compromisso coletivo com uma educação mais democrática e participativa. Portanto, a prática contribuiu para o fortalecimento da cultura inclusiva e para formação do professor como agente ativo na promoção da equidade no ambiente escolar.

Palavras-chave: Comunicação Aumentativa e Alternativa; Inclusão Escolar; Autismo; Tecnologia Assistiva; Educação Especial.

INTRODUÇÃO

¹ Graduanda do Curso de Segunda Licenciatura Educação Especial e Inclusiva pelo Programa Parfor da Universidade Federal de Rondonópolis - UFR, anacamargo.net@gmail.com;

² Graduanda do Curso de Segunda Licenciatura Educação Especial e Inclusiva pelo Programa Parfor da Universidade Federal de Rondonópolis - UFR, lilia.amorim@aluno.ufr.edu.br;

³ Graduanda do Curso de Segunda Licenciatura Educação Especial e Inclusiva pelo Programa Parfor da Universidade Federal de Rondonópolis - UFR, margaridabsantos@hotmail.com;

⁴ Doutora em Psicologia pela Universidade Estadual Paulista – UNESP, Psicóloga da Secretaria Municipal de Educação de Rondonópolis e professora no Curso de Licenciatura em Educação Especial e Inclusiva na Universidade Federal de Rondonópolis -UFR, molise.magnabosco@ufr.edu.br.



A comunicação constitui uma das dimensões mais significativas da vida humana, sendo essencial para a interação social, a construção do conhecimento e o exercício da cidadania. Entretanto, para muitos estudantes com deficiência ou com Transtorno do Espectro Autista (TEA), as dificuldades na aquisição e no uso da linguagem oral podem comprometer sua participação plena nos processos educativos e sociais. Nesse cenário, a Comunicação Aumentativa e Alternativa (CAA) surge como uma estratégia pedagógica e tecnológica que visa possibilitar novas formas de expressão e interação. De acordo com Sartoretto (2010, p. 21), a “CAA possibilita a construção de novos canais de comunicação, através da valorização de todas as formas expressivas já existentes na pessoa com dificuldade de comunicação”. Essa perspectiva amplia a compreensão de comunicação, indo além da oralidade e reconhecendo a legitimidade de diferentes formas expressivas.

O ambiente escolar, marcado pela diversidade, ainda enfrenta desafios quanto à superação de práticas padronizadoras e excludentes que desconsideram a singularidade de cada estudante. Nessa perspectiva, Mantoan e Lanuti (2022) defendem que a escola deve constituir-se como um espaço inclusivo, em que as diferenças sejam respeitadas e valorizadas, garantindo o direito à aprendizagem e ao desenvolvimento. Coadunando com essa concepção, compreendemos a relevância da CAA como recurso capaz de favorecer a participação de estudantes com comprometimento parcial ou total da fala, assegurando-lhes maior autonomia e integração no contexto escolar.

Diante desse panorama, este artigo tem como objetivo geral discutir o papel da CAA na promoção da inclusão escolar de estudantes com dificuldades de comunicação oral. Como objetivos específicos, propõe-se: apresentar conceitos e recursos relacionados à CAA; relatar a experiência de uma prática de extensão desenvolvida em uma unidade escolar; e analisar os desafios e as potencialidades do uso da CAA no processo de ensino-aprendizagem.

A investigação desenvolveu-se no âmbito de uma prática de extensão realizada na Unidade Escolar EMEF de Vila Paulista – Maria Ursulina de Miranda, em Rondonópolis (MT), durante a Hora do Trabalho Pedagógico Coletivo (HTPC), em maio de 2025. A intervenção envolveu professores e equipe gestora, sendo organizada em três momentos: uma exposição dialogada, uma roda de conversa e uma oficina prática sobre o uso da prancha de comunicação. Tal experiência permitiu refletir sobre a importância da formação docente para a utilização da CAA, destacando que a inclusão escolar não deve



se restringir ao professor regente ou ao Atendimento Educacional Especializado (AEE), mas ser responsabilidade compartilhada por toda a comunidade escolar.

Assim, este artigo discute conceitos e recursos de CAA, bem como critérios para sua utilização no contexto educacional, a partir de um relato de experiência extensionista, evidenciando seus desafios e potencialidades para a construção de uma escola verdadeiramente inclusiva.

METODOLOGIA

Este estudo caracteriza-se como uma pesquisa de abordagem qualitativa, de natureza descritiva, por estar centrado na compreensão das práticas e nas percepções dos sujeitos envolvidos em uma ação extensionista. A escolha por essa abordagem justifica-se pela necessidade de interpretar os significados atribuídos pelos participantes às experiências vivenciadas, considerando que a inclusão escolar e o uso da Comunicação Aumentativa e Alternativa (CAA) envolvem dimensões subjetivas, sociais e culturais.

A intervenção foi realizada na Unidade Escolar EMEF de Vila Paulista – Maria Ursulina de Miranda, situada no município de Rondonópolis (MT). A atividade ocorreu no dia 05 de maio de 2025, durante a Hora do Trabalho Pedagógico Coletivo (HTPC), com duração aproximada de uma hora. Participaram da ação os professores da unidade e a equipe gestora, totalizando cerca de xx profissionais (preencher caso tenha o número exato).

O processo metodológico foi estruturado em três etapas:

1. Exposição dialogada – apresentação dos conceitos fundamentais de CAA, embasados em referenciais teóricos da área da Educação Inclusiva e da Tecnologia Assistiva;
2. Roda de conversa – momento de debate com os participantes, no qual foram compartilhadas percepções, experiências e dúvidas sobre a temática;
3. Oficina prática – vivência de experimentação com o recurso da prancha de comunicação, oportunizando aos professores a utilização e exploração do material como ferramenta pedagógica.

Para o registro e análise dos dados, utilizou-se a observação participante e o diário de campo elaborado pelas licenciandas responsáveis pela intervenção, contendo descrições das interações e reflexões sobre a prática desenvolvida. A análise dos dados seguiu os pressupostos da análise qualitativa de conteúdo, buscando identificar os



principais desafios, potencialidades e contribuições da CAA no processo de inclusão escolar.

Por se tratar de uma ação de extensão realizada em parceria com a unidade escolar, a atividade foi autorizada pela gestão e os participantes foram informados sobre seus objetivos, assegurando-se o respeito aos princípios éticos da pesquisa em Educação. Não houve uso de imagens que exigissem autorização específica, uma vez que os registros se restringiram a anotações textuais.

REFERENCIAL TEÓRICO

1. A Comunicação Aumentativa e Alternativa: conceitos e objetivos

A CAA é entendida como uma área destinada especificamente à ampliação das habilidades de comunicação de pessoas com dificuldades no desenvolvimento e uso da linguagem (MANZINI; DELIBERATO, 2004). Nunes e Glennem (1997, 2003) a definem como um campo da Tecnologia Assistiva que envolve o uso de sistemas e recursos diversos para oferecer possibilidades comunicativas a estudantes sem fala funcional e àqueles cuja fala é restrita e pouco funcional.

De acordo com Manzini e Deliberato (2004), a CAA pode desempenhar três funções:

1. Desenvolver a fala, quando usada como apoio à aquisição da linguagem oral;
2. Complementar a fala, oferecendo suporte a sujeitos cuja oralidade é limitada;
3. Substituir a fala, nos casos em que ela não foi desenvolvida.

Assim, como apontam Togashi e Walter (2016), a CAA deve ser compreendida não apenas como um recurso compensatório, mas como uma estratégia pedagógica que possibilita novas formas de comunicação e promove a inclusão escolar e social.

2. Comunicação apoiada e comunicação não apoiada

As modalidades de CAA podem ser classificadas em comunicação apoiada e não apoiada. A comunicação apoiada corresponde ao uso de materiais externos ao corpo do usuário, como objetos reais, fotografias, pranchas de comunicação e sistemas computadorizados (MANZINI; DELIBERATO, 2004). Já a comunicação não apoiada



refere-se a expressões do próprio usuário, como gestos, expressões faciais, sinais manuais e movimentos corporais (MANZINI; DELIBERATO, 2004).

Ambas as modalidades são complementares e devem ser valorizadas, pois, como reforçam Sartoretto e Bersch (2010), a eficácia da comunicação não depende apenas da tecnologia, mas da intencionalidade comunicativa e do reconhecimento social de diferentes formas de expressão.

3. Recursos de baixa e alta tecnologia

Os recursos de CAA podem ser classificados em baixa ou alta tecnologia. Entre os de baixa tecnologia destacam-se cartões de comunicação organizados por conteúdos escolares, pranchas temáticas (alimentação, sentimentos, atividades) e instrumentos de rotina, como agendas e quadros de atividades (Sartoretto; Bersch, 2010).

Já os de alta tecnologia incluem vocalizadores, computadores com softwares específicos e dispositivos móveis como tablets e smartphones. Aplicativos como Livox, LetMeTalk, Avaz e Araword ampliam a autonomia e a motivação dos usuários (Petroni et al., 2018). Para Bersch e Schirmer (2005), tanto recursos simples quanto sofisticados são igualmente relevantes, desde que atendam às necessidades comunicativas e favoreçam a interação social.

4. Sistemas de símbolos gráficos

Diversos sistemas de símbolos são utilizados na CAA. O Picture Communication Symbols (PCS), desenvolvido por Johnson em 1980, reúne aproximadamente 3.000 figuras relacionadas a atividades cotidianas, demandando boa acuidade visual (Verzoni, 2011). O Blissymbolics, criado por Karl Blitz, inicialmente como língua universal, foi posteriormente adaptado à CAA, possibilitando a representação de conceitos abstratos (Verzoni, 2011).

O Pictogram Ideogram Communication (PIC) apresenta cerca de 400 imagens de alto contraste, indicado para crianças em fase inicial de uso da CAA e para pessoas com baixa visão (Naranjo, 2012; Pereira, 2021). Já o Picture Exchange Communication System (PECS) tem como foco a troca de figuras em interações comunicativas, sendo amplamente utilizado por sujeitos com Transtorno do Espectro Autista (TEA). Segundo Matias, Schmidt e Lindenmeyer (2017), estratégias visuais, como o PECS, não apenas favorecem a comunicação, mas também apoiam o desenvolvimento cognitivo e social.



5. Seleção e implementação dos recursos de CAA no contexto escolar

A escolha do recurso de CAA adequado deve ser criteriosa e individualizada. Manzini e Deliberato (2006) elencam aspectos que precisam ser avaliados: habilidades físicas e cognitivas do estudante, contexto de uso, interlocutores e objetivos da comunicação.

Sartoretto e Bersch (2010) destacam que o professor do AEE, em parceria com professores da sala regular e com a família, deve organizar o processo de inserção da CAA. Esse processo envolve: avaliação das condições do estudante, anamnese com a família, seleção dos estímulos (fotografias, símbolos, objetos), escolha do formato do recurso (prancha, chaveiro, aplicativo) e acompanhamento do uso, realizando ajustes quando necessário.

Dessa forma, entendemos que a implementação da CAA é um processo contínuo e colaborativo, que exige reflexão constante sobre a funcionalidade e a relevância dos recursos utilizados.

6. Relato de percurso: a prática de extensão e o uso da prancha de comunicação

Após o estudo dos conceitos fundamentais da Comunicação Aumentativa e Alternativa (CAA) e a reflexão sobre sua relevância no processo educativo e inclusivo, tornou-se evidente a necessidade de aproximar esse conhecimento da realidade escolar. Com esse objetivo, foi organizada uma prática de extensão em formato de oficina dialogada, realizada durante a Hora de Trabalho Pedagógico Coletivo (HTPC) em uma escola municipal, no mês de maio de 2025. A ação contou com a participação das graduandas Ana Paula Camargo, Maria Margarida e Lilia Amorim, responsáveis pelo planejamento e execução.

A escolha da unidade escolar ocorreu a partir de uma análise prévia, que considerou aspectos de acessibilidade, logística e o vínculo de uma das integrantes com o local, favorecendo o trabalho coletivo e a compreensão das demandas já existentes.

Figura 01- Unidade escolar -EMEF Maria Ursulina de Miranda.





Fonte: <https://www.facebook.com/people/EMEF-Vila-Paulista-Maria-Ursulina-de-Miranda/100088860955332/>

Definiu-se como espaço a EMEF Vila Paulista – Maria Ursulina de Miranda, situada em Rondonópolis-MT, a qual se encontrava em fase de estruturação da sala de recursos multifuncionais, processo que envolvia a organização docente, a inserção de alunos e a aquisição de materiais específicos.

A prática ocorreu no dia 05 de maio de 2025, com duração de uma hora, tendo como público-alvo professores e equipe gestora. O encontro foi estruturado em duas etapas. A primeira consistiu em uma exposição dialogada, na qual foram apresentados os principais conceitos relacionados à CAA, contextualizando-os às demandas da escola.

Figura 02- Apresentação da proposta.
Prática de Extensão, 2025.



Fonte: Elaboração própria

Na segunda etapa, desenvolveu-se uma oficina prática voltada à exploração de um recurso de CAA: a prancha de comunicação confeccionada previamente pelas acadêmicas.

Figura 03- Prancha-recurso pedagógico.
Prática de Extensão, 2025.





Fonte: Elaboração própria

O recurso foi apresentado como exemplo concreto de tecnologia de baixo custo, acessível e adaptável a diferentes contextos escolares. Durante a demonstração, foram explicitados os critérios utilizados na organização dos símbolos e categorias, evidenciando possibilidades de aplicação tanto em sala regular quanto no Atendimento Educacional Especializado (AEE).

A visualização e manipulação da prancha favoreceram a compreensão dos docentes sobre sua funcionalidade e despertaram reflexões relevantes acerca da sua implementação. Nesse sentido, a atividade constituiu-se como um momento de aproximação entre teoria e prática, permitindo materializar o conteúdo discutido e reafirmar a importância da acessibilidade comunicacional na promoção da inclusão escolar.

7. PARA TODA AÇÃO, UMA REAÇÃO! PALAVRAS FLUINDO...

Conforme Freire (1987), não é no silêncio, mas na palavra e na ação-reflexão que os sujeitos se constituem. A prática de extensão confirmou essa perspectiva: não se tratou de uma transmissão de conteúdos prontos, mas de um processo dialógico em que a apresentação teórica desencadeou a reação dos participantes, instaurando um espaço de troca de experiências, inquietações e aprendizados.

Os relatos evidenciaram tanto o reconhecimento da importância da CAA quanto os desafios de sua utilização cotidiana. Uma professora questionou: “*Em sala de aula o aluno tem acesso, mas em casa, como fica?*”. Outro docente sugeriu: “*O ideal seria que a escola adotasse esse recurso de comunicação em todas as salas com estudantes com deficiência, ou mesmo exposto nos corredores, para que todos possam utilizar*”. Em outra



fala, destacou-se a corresponsabilidade: *“O aluno especial não é só do estagiário, nós também precisamos nos comunicar com ele”*.

Esses depoimentos revelam que, embora exista compreensão teórica sobre a temática, ainda há dificuldades na efetivação prática do recurso, especialmente quanto à sua continuidade fora do espaço escolar e à sua integração no cotidiano pedagógico.

Nessa perspectiva, reforça-se que o uso da Comunicação Aumentativa e Alternativa, seja por meio da utilização de imagens, pranchas de comunicação ou recursos de alta tecnologia, possibilita uma melhor comunicação e interação dos alunos com professores e colegas, contribuindo para o desenvolvimento da linguagem e da autonomia. A CAA faz parte da Tecnologia Assistiva (TA), que trata da resolução de dificuldades funcionais de pessoas com deficiência.

A CAA possibilita a construção de novos canais de comunicação, através da valorização de todas as formas expressivas já existentes na pessoa com dificuldade de comunicação. Gestos, sons, expressões faciais e corporais devem ser identificados e utilizados para manifestar desejos, necessidades, opiniões, posicionamentos, tais como: Sim, Não, Olá, Tchau, Dinheiro, Banheiro, Estou bem, Tenho dor, Quero (determinada coisa para a qual estou apontando), tenho fome e outras expressões utilizadas no cotidiano. (SARTORETTO, 2020, p.21).

Nesse cenário, os recursos de comunicação são fundamentais para atender as particularidades e individualidades dos estudantes tornando o processo de ensino aprendizagem mais acessível, democrático e justo. Portanto, a prancha de comunicação, produto da proposta de intervenção, é uma forma de acessibilidade daqueles que apresentam dificuldades na comunicação seja na interação com o professor e/ou colegas da turma.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A prática de extensão realizada na EMEF de Vila Paulista – Maria Ursulina de Miranda configurou-se como um espaço privilegiado para refletir, em conjunto com os profissionais da unidade, sobre o uso da Comunicação Aumentativa e Alternativa (CAA) no contexto escolar. Durante a exposição dialogada, observou-se que ainda existem dúvidas significativas sobre a temática, sobretudo quanto às formas de implementação dos recursos no cotidiano pedagógico. No entanto, foi igualmente evidente o interesse e a abertura dos professores em compreender e aplicar estratégias que tornem a comunicação com os estudantes mais acessível.



A oficina prática, que culminou na confecção de uma prancha de CAA, possibilitou exemplificar de maneira concreta como esse recurso pode ser integrado às atividades escolares. A experiência revelou que o material não apenas despertou curiosidade, mas também suscitou questionamentos e estimulou os docentes a refletirem sobre sua aplicabilidade no dia a dia da sala de aula.

Os dados observados durante a atividade evidenciam duas categorias principais:

1. **Sensibilização docente para a inclusão** – os professores demonstraram maior compreensão sobre a importância da CAA e a necessidade de eliminar barreiras comunicacionais;
2. **Interesse prático e aplicação pedagógica** – a experiência com a prancha mobilizou nos participantes a vontade de adaptar recursos e buscar estratégias acessíveis para a rotina escolar.

Esses achados corroboram o que afirmam Sartoretto e Bersch (2010), ao ressaltarem que a CAA não se restringe a um recurso técnico, mas deve ser compreendida como prática pedagógica inclusiva. Além disso, dialogam com Vygotski (2011), ao enfatizar que a interação social constitui elemento central no desenvolvimento humano, o que reforça o valor da CAA como mediadora dos processos de aprendizagem.

A experiência também dialoga com as orientações da Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva (BRASIL, 2008), que destaca a necessidade de recursos e práticas acessíveis como meio de garantir equidade no processo educacional. Nesse sentido, a intervenção revelou-se não apenas como uma ação pontual, mas como parte de um movimento ético de valorização da diversidade e do direito à comunicação.

De modo geral, a intervenção demonstrou que a inclusão escolar, especialmente de estudantes com dificuldades na fala funcional, deve ser entendida como um compromisso coletivo, não restrito ao professor regente ou ao Atendimento Educacional Especializado (AEE). A reflexão coletiva durante a ação extensionista confirmou que cada passo em direção ao uso de práticas acessíveis representa avanço significativo na construção de uma escola inclusiva.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Comunicação Aumentativa e Alternativa mostrou-se, ao longo deste trabalho, mais do que um recurso pedagógico: uma ferramenta de inclusão social e escolar, capaz



de proporcionar meios acessíveis de expressão, favorecer a participação ativa dos estudantes nas interações comunicativas, fortalecer sua autonomia e ampliar as possibilidades de aprendizagem.

O objetivo da prática extensionista, que consistiu em ampliar o debate sobre a CAA e proporcionar reflexões na formação docente, foi alcançado. O diálogo com os professores não apenas disseminou informações sobre o conceito e as estratégias de utilização da CAA, mas também promoveu um processo de sensibilização acerca da importância de eliminar barreiras comunicacionais.

A experiência de estar na escola e dialogar com nossos pares mostrou-se enriquecedora tanto para nossa formação docente quanto para o processo formativo enquanto licenciandas. Essa relação de paridade com o público-alvo da atividade favoreceu o estabelecimento de um diálogo produtivo, marcado pela troca de saberes e pela construção coletiva de conhecimento.

Finalizamos com a convicção de que a formação continuada e o diálogo entre todos os envolvidos no processo educativo são fundamentais para o fortalecimento de uma escola cada vez mais inclusiva e acolhedora. Reafirmamos, ainda, a necessidade de novas pesquisas e práticas que ampliem a discussão sobre o uso da CAA, explorando seus impactos em diferentes contextos escolares e contribuindo para a consolidação de uma educação verdadeiramente democrática.

REFERÊNCIAS

BERSCH, Rita; SCHIRMER, C. **Tecnologia Assistiva no processo educacional**. In: BRASIL. Ministério da Educação. *Ensaio Pedagógico: construindo escolas inclusivas*. Brasília: MEC/SEESP, 2005.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 17 ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.
ITAD. *Sistema de Comunicação PIC – Pictogram Ideogram Communication*. Disponível em: <https://www.itad.pt/tratamento-de-psicologia/sistema-comunicacao-pic/>. Acesso em: 18 ago. 2025.

LIVOX: software de comunicação por imagens. **Bengala Legal**, 2012. Disponível em: <http://www.bengalalegal.com/livox>. Acesso em: 20 ago. 2025.
MANTOAN, M. T. E.; LANUTI, J. E. O. E. A. **A escola que queremos para todos**. Curitiba: CRV, 2022

MANZINI, E. J.; DELIBERATO, D. **Portal de ajudas técnicas para a educação: equipamento e material pedagógico para educação, capacitação e recreação da pessoa com deficiência física – recursos pedagógicos II**. Brasília: MEC/SEESP, 2006.



MATIAS, Flavia Moreira; SHMIDT, Madebe; LINDENMEYER, Simone. Entre Autismo, **A Comunicação Alternativa e a Escolarização**. *XV Fórum Municipal de Educação: Interloções da Pesquisa na Educação Básica*. Novo Hamburgo, 2010.

NARANJO, J. L. H. *Falante, aplicativo de auxílio à fala baseado em tecnologia Android*. Dissertação (Mestrado) – Universidade Tecnológica Federal do Paraná, 2012.
NUNES, D.; GLENNEM, C. *Augmentative and Alternative Communication*. Londres: Wiley, 2003.

PEREIRA, Sérgio Filipe. **Sistema de Comunicação PIC**. Instituto de Apoio e Desenvolvimento – ITAD, 2021.

PECS BRAZIL. *Sistema de Comunicação por Troca de Figuras (PECS)*. Disponível em: <https://pecs-brazil.com/sistema-de-comunicacao-por-troca-de-figuras-pecs/>. Acesso em: 18 ago. 2025.

PETRONI, Natalia Nascimento et al. **Introdução ao uso do Tablet para Comunicação Alternativa por uma Jovem com Paralisia Cerebral**. *Revista Brasileira de Educação Especial*, v. 24, n. 3, p. 327-340, 2018.

PICCOLO, Gustavo Martins. **Porque devemos abandonar a ideia de Educação Inclusiva**. *Educ. Soc*, Campinas, v.44, e260386, 2003.

RIBEIRO, Emília Lucas. *A comunicação entre professores e alunos autistas no contexto da escola regular: desafios e possibilidades*. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2013.

SARTORETTO, M. L.; BERSCH, R. C. R. *A Educação Especial na Perspectiva da Inclusão Escolar: recursos pedagógicos acessíveis e comunicação aumentativa e alternativa*. Brasília: MEC/SEESP, 2010.

TOGASHI, Cláudia Miharú; WALTER, Cátia Crivelenti de Figueiredo. **As contribuições do uso da comunicação alternativa no processo de inclusão de um aluno com Transtorno do Espectro do Autismo**. *Revista Brasileira de Educação Especial*, v. 22, n. 3, p. 351-366, 2016.

VERZONI, Luciana Della Nina. **Bliss e PCS: Sistemas Alternativos de Comunicação**. Bengala Legal, 2011.

VYGOTSKI, L. S. **A formação social da mente**. 4. ed. São Paulo: Editora Fontes, 1991.
WIKIPEDIA. *Picture Communication Symbols (PCS)*. Disponível em: https://en.wikipedia.org/wiki/Picture_communication_symbols#/media/File:PCS_Symbols.png. Acesso em: 18 ago. 2025.

WIKIPEDIA. *Blissymbols*. Disponível em: <https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/4/48/Blissymbols.svg>. Acesso em: 18 ago. 2025.

